

Bancos pagam US\$ 600 milhões

por Ângela Bittencourt
de Amsterdã

No prazo máximo de duas semanas os bancos credores do Brasil estarão desembolsando US\$ 600 milhões, que o governo brasileiro utilizará para pagar os juros da dívida externa que estão atrasados. O ministro da Fazenda, Mailson Ferreira da Nóbrega, disse ontem em Amsterdã que foi concluído o acordo com os bancos credores, que implicava "waiver" (dispensa do cumprimento de algumas cláusulas) para a liberação dos recursos.

O dinheiro que será desembolsado no máximo até o início do próximo mês não deve entrar no Brasil, na medida em que o atraso no pagamento dos juros externos corresponde a mais de US\$ 500 milhões.

Além do desembolso, importante para que o Brasil fique em dia com os próprios bancos, ao ser concluído o "waiver", ficou definido o cancelamento definitivo das operações de "relending" (reempréstimos) previstas para 1989 e, também, a desvinculação dos desembolsos das operações com os bancos em relação ao acordo com o Banco Mundial (BID) para o setor elétrico, onde se discute a inviabilidade da usina de Angra III.

"Os bancos deram um grande demonstração de apoio ao País", explicou Mailson da Nóbrega, "exatamente porque proporcionaram dinheiro para colocar as contas em ordem".

As operações de "relending", portanto, já estão suspensas neste ano, evitando impactos desfavoráveis à execução da política monetária.

Falando a cerca de quatrocentos representantes de bancos no domingo, Mailson da Nóbrega foi questionado sobre o futuro dos leilões de conversão de dívida em capital de risco através das bolsas de valores. Tanto para os banqueiros quanto para a imprensa o ministro disse que os leilões de conversão estão apenas suspensos e que poderão ser retomados até o final deste semestre. Dependem, em parte, dos desdobramentos do Plano

(Continua na página 31)

Hoje deverá ser anunciado o aumento do capital do BID. Após intensas negociações, os países latino-americanos e os Estados Unidos chegaram a acordo que abrirá o caminho para um programa de empréstimos de US\$ 22,5 bilhões nos próximos quatro anos. O príncipe Claus, da Holanda, ao abrir a reunião do BID, convidou a América Latina a promover integração similar à da Europa.

(Ver página 31)

Bancos pagam US\$ 600 milhões

por Ângela Bittencourt
de Amsterdã

(Continuação da 1ª página)

Verão e dos resultados esperados para a política monetária.

O ministro — instalado num gabinete do Hilton Amsterdã onde passou o dia recebendo banqueiros internacionais; o subsecretário do Tesouro americano, David Mulford; e o diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional, Michel Camdessus — preferiu não falar sobre a economia doméstica. No entanto fez um esclarecimento. Ele garante que o governo ainda não decidiu oficialmente nada sobre o descongelamento de preços como foi veiculado pela imprensa no Brasil. O descongelamento virá, admite o ministro, "mas, oportunamente".

Entusiasmado, o ministro Mailson revelou que domingo foi um dia particularmente importante para o encaminhamento das negociações sobre a dívida dos países latino-americanos.

"Há no ar expectativa de que muitas novidades poderão ocorrer ainda neste ano na área do acerto da dívida. A maioria das operações requer cautela porque uma descoordenação neste momento poderia eliminar qualquer vantagem criada em torno da expectativa de corte nas dívidas. Um exemplo seria o encolhimento dos deságio dos títulos negociados no mercado secundário, que foram ampliados recentemente."

Mailson afirmou que especialmente o grupo dos quatro países latinos mais endividados — Brasil, México, Argentina e Venezuela — discutiu especificamente este assunto e chegou-se à conclusão de que as atuações neste mercado de papéis devem ser feitas com cautela e, obviamente, no sentido de oferta, não esperando uma situação de demanda, que tende a desfavorecer os países.

Sobre seu encontro com Mulford, Mailson disse que a conversa girou em torno do Plano Brady. Mulford, conta Mailson, disse que os contatos realizados entre os sete países mais industrializados — também representados na trigésima reunião anual do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) — estão progredindo. O ministro brasileiro adiantou, contudo, que o plano requer, ainda, discussões muito extensas com os bancos, mas que já estão sendo lançadas idéias esperanço-

Latinos têm nova reunião

O ministro da Fazenda, Mailson Ferreira da Nóbrega, que está em Amsterdã, telefonou ontem ao presidente José Sarney e afirmou que o governo norte-americano acabou abrindo mão da exigência de que o FMI realizasse uma avaliação prévia dos projetos para a liberação do dinheiro do BID para os países latino-americanos e que o aumento do capital do BID vai proporcionar um maior volume de recursos para esses países. Segundo Mailson, nos próximos dias os ministros da Fazenda da América Latina vão reunir-se para discutir as medidas aprovadas em Amsterdã.

sas. Com Camdessus — que ontem fez seu pronunciamento na reunião plenária do BID —, Mailson tratou da missão do organismo que deverá chegar ao Brasil por volta do dia 27 deste mês. "A missão discutirá as condições para 1989 para o empréstimo standy-by que o Brasil tem até março de 1990."

Ontem à noite, o ministro Mailson teve audiência especial com a rainha Beatrix, da Holanda, convidada de honra da abertura solene da trigésima reunião anual do BID, pela manhã. Hoje o ministro faz um pronunciamento na reunião do banco, em plenário, encontra-se à tarde com o vice-ministro das Finanças para assuntos internacionais do Japão, Toyoo Gyothem, e, às 18 horas de Amsterdã — ou 14 horas do Brasil — parte para Londres.

Na quarta-feira em Londres, o ministro encontra-se com Nigel Lawson, ministro das Finanças; com Robin Legh Pemberton, presidente do Banco da Inglaterra, e embarca para Paris.

Na quinta-feira, em Paris, Mailson reúne-se com Pierre Beregovoy, ministro das Finanças da França, e com ministros da Fazenda da América Latina e Caribe. Almoça com o presidente François Mitterrand. Reúne-se à tarde com empresários franceses, volta a encontrar o ministro das Finanças e, no final do dia, fala com Jacques de Larosière, presidente do Banco da França (banco central).